

Aniversário com comemoração e protesto

Jacarta - Reuters

Nações Unidas - Reuters

PARIS - As comemorações do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos foi marcada por festejos em todo o mundo, a alegria pela possível extradição do general chileno Augusto Pinochet e a violência contra manifestações pró-democracia, especialmente na Ásia. Os protestos mais violentos aconteceram na Indonésia, onde cerca de 10 mil manifestantes bloquearam as principais ruas de Jacarta para denunciar o desrespeito dos direitos humanos no país, pedir a prisão do ex-presidente Suharto e o afastamento dos militares da vida política.

Na ONU, o secretário de Direitos Humanos do Brasil, José Gregori, recebeu junto com o ex-presidente Jimmy Carter e ativistas de Sri Lanka e Uganda prêmio pela defesa dos direitos humanos. "Tortura é tortura em qualquer língua", afirmou o secretário geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, na assembléia especial que contou com representantes dos 110 países que subscrevem a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A cerimônia foi ligada por satélite a outra em Paris, onde uma festa de gala reuniu prêmios Nobel da Paz, como o Dalai Lama, para comemorar o aniversário do documento histórico, assinado no Palais de Chaillot em 10 de dezembro de 1948, que instituiu padrões fundamentais de liberdade de pensamento, opinião, expressão e crença.

Várias mensagens foram transmitidas em vídeo, como a da ativista Aung Suu Kyi, de Mianmar. "Como H.G. Wells já afirmou, a única nacionalidade que importa é a da humanidade", disse a dissidente. A Anistia Internacional também organizou em Paris um grande concerto, com a presença de Bruce Springsteen, Peter Gabriel e Alanis Morissette, entre outros cantores.

Flores - Num dos mais contundentes marcos do aniversário, a organização Repórteres Sem Fronteira publicou um anúncio de duas páginas no jornal francês *Libération* com o título "Os direitos humanos têm seus predadores. Veja como reconhecê-los".



Jovem indonésio carrega cartaz contra Suharto durante manifestação

Embaixo, a foto de 19 líderes nacionais, entre eles o cubano Fidel Castro e o iugoslavo Slobodan Milosevic.

O 50º aniversário do documento teve um sabor especial, por causa da expectativa de punição para o ex-ditador Pinochet. A Anistia Internacional depositou um tapete com 3.197 flores em frente ao Ministério do Interior inglês - que deu sinal verde para o início de um processo de extradição de Pinochet - uma para cada vítima do regime militar chileno.

Na China, o presidente Jiang Zemin também divulgou uma carta a favor de "progressos nos direitos huma-

nos e na instituição de salvaguardas para que o povo tenha seus direitos democráticos e de liberdade totalmente respeitados". Enquanto isso, dissidentes chineses eram presos em Pequim, porque distribuíam panfletos com cópias da Declaração Universal dos Direitos Humanos em escolas e fábricas. Em Cuba, dissidentes também foram presos quando se preparavam para se queixar da política de direitos humanos de Fidel Castro.

Tibetanos exilados na Índia queimaram a bandeira chinesa em protesto pela invasão de seu país. Também na Índia, um movimento de "intocáveis", o ponto mais baixo na escala de castas,



A comissária Mary Robinson e o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, entregaram o prêmio a Gregori (C)

anunciou uma campanha para acabar com esta divisão hierarquizada da sociedade, proibida pela lei, mas ainda enraizada na tradição.

No Paquistão, a Associação Revolucionária de Mulheres do Afeganistão, formada por pessoas exiladas no país vizinho por temer ataques dos talibãs, organizou uma manifestação feminista em frente ao escritório das Nações Unidas. Em Genebra, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados pediu a todos os governos do mundo que reiterem seus compromissos com as vítimas de violações dos direitos humanos e reconheçam que "o exílio é a pedra angular da

proteção dos refugiados". Segundo o Acnur, atualmente uma em cada 120 pessoas se vê obrigada a escapar da violência ou perseguição em seu país.

Em mensagem dirigida à ONU, o papa João Paulo II exortou as nações a assegurar as liberdades básicas para todos. "Devemos ter em mente que a Declaração dos Direitos Humanos não deve se converter simplesmente num monumento a admirar, ou pior, num documento para ser arquivado", afirmou.

Estupro - Em Haia, o tribunal das Nações Unidas que julga crimes da guerra na antiga Iugoslávia condenou o ex-comandante paramilitar bósnio-croata Anto Furundzija a 10 anos

de prisão num julgamento histórico, por ser o primeiro a encarar o estupro como um crime de guerra. Furundzija, de 29 anos, foi considerado culpado de violações da Convenção de Genebra, sobre tratamento de prisioneiros.

O ex-comandante assistiu, impassível, a um subordinado seu estuprar e espancar uma muçulmana, em 1993. De acordo com o tribunal, a vítima foi levada para uma unidade em Vitez e interrogada por Furundzija e outro soldado. Terminado o interrogatório, foi estuprada pelo soldado (não identificado), na presença do ex-comandante, que segundo o tribunal, "nada fez para evitar o ocorrido".